

DESIGUALDADES NA PRÁTICA DE FUTEBOL ENTRE MULHERES PELOTENSES NA ADOLESCÊNCIA E INÍCIO DA VIDA ADULTA: UM ESTUDO DE COORTE

ANA VITÓRIA SILVA SILVA¹; MYLENA ROCHA DE FARIAS², WERNER DE
ANDRADE MÜLLER³, BRUNA GONÇALVES CORDEIRO DA SILVA⁴; INÁCIO
CROCHEMORE-SILVA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – vitoriaanasilva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mylena.rfarias@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – werneramuller@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – brugcs@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – inacioufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O futebol é reconhecido como um dos esportes mais populares do mundo, especialmente no Brasil, “o país do futebol”. Desde o século XIX, o futebol vem ganhando visibilidade com a formação de clubes, times e torcidas, resultando na profissionalização do esporte (WOOD, 2019; HOLLANDA, 2023). No entanto, desde suas origens, o futebol sempre foi considerado uma prática masculina, e a participação feminina ainda enfrenta desafios.

A inclusão de mulheres no futebol exigiu anos de luta e resistência. Entre 1941 e 1979 houve uma proibição da prática feminina no Brasil em vários esportes, incluindo o futebol (RIBEIRO, 2023). Argumentavam que as mulheres eram muito delicadas para o esporte e deveriam focar em obrigações domésticas e maternas, cumprindo assim seu “papel na sociedade” (SILVA e CAMPARO, 2022). Mesmo com essas dificuldades, há registros de times de futebol feminino em muitos lugares do país. Apesar das diversas opressões impostas pela sociedade machista e patriarcal da época, a resistência das mulheres contribuiu para o crescimento do futebol feminino e abriu espaço para melhores condições e mais oportunidades para gerações seguintes, embora o cenário ainda esteja longe de ser o ideal.

A cidade de Pelotas (RS) teve grande importância na resistência do futebol feminino, sendo a primeira cidade a fundar equipes de futebol feminino na década de 1950, com o Vila Hilda Futebol Club e o Corinthians Futebol Club (RIGO *et al.*, 2008). Desde então, o futebol feminino na cidade evoluiu com a criação de novos clubes, mais locais para jogos e desenvolvimento de estudos sobre a modalidade. Essa evolução colaborou para uma maior adesão das mulheres na prática de futebol na região (RIGO *et al.*, 2008).

Além das questões socioculturais que estão ligadas com a temática, outra consequência das barreiras para prática de futebol de mulheres está em mais uma redução de oportunidade de prática esportiva e de atividade física nesse grupo populacional. Estudos epidemiológicos vêm demarcando as desigualdades na prática de atividade física e de esportes em nível local e nacional. Ao inter relacionar os componentes socioculturais e epidemiológicos, identifica-se algumas lacunas que o presente estudo visa compreender, como quem são as mulheres, jovens adultas praticantes dessa modalidade, a quais grupos populacionais elas pertencem, em termos étnicos raciais e de nível socioeconômico, e o quanto a prática na adolescência foi interrompida na idade adulta. Sendo assim, o objetivo

deste estudo foi descrever a prática de futebol entre mulheres aos 15 e 22 anos de Pelotas/RS, de acordo com cor da pele e nível socioeconômico.

2. METODOLOGIA

Estudo longitudinal de caráter observacional, utilizando dados coletados durante os acompanhamentos aos 15 e 22 anos da Coorte de Nascimentos de 1993 de Pelotas. A Coorte de Nascimentos de 1993 é um estudo que monitora todos os nascidos vivos nos hospitais de Pelotas no referido ano ao longo da vida, cujas famílias residiam na zona urbana do município e cujas mães concordaram em participar (GONÇALVES *et al.*, 2014).

O estudo iniciou com 5.249 crianças cujas mães responderam ao primeiro questionário e tiveram seus recém-nascidos examinados logo após o parto. Após o primeiro acompanhamento com as mães, subamostras dos participantes foram monitoradas no 1º, 3º e 6º mês de vida, e posteriormente aos 1, 4, 6 e 9 anos de idade. Os acompanhamentos subsequentes foram realizados com todos os participantes da coorte aos 11, 15, 18 e 22 anos (GONÇALVES *et al.*, 2018). No entanto, o presente estudo utiliza exclusivamente os dados dos 15 e 22 anos, que contemplam a transição da adolescência para a idade adulta.

No acompanhamento realizado aos 15 anos, em 2008, foram entrevistados 4.325 participantes, dos quais 51% eram do sexo feminino. Já no acompanhamento aos 22 anos, realizado em 2015, o total de entrevistados foi de 3.810, sendo 53% do sexo feminino (GONÇALVES *et al.*, 2014, 2018)

Para avaliar a prática de futebol, foi utilizado o questionário denominado "Lista de Atividades Físicas de Lazer". Esse instrumento coletou informações sobre os tipos de atividades físicas realizadas durante o tempo de lazer, excluindo as aulas de Educação Física. Para cada tipo de atividade, as participantes foram questionadas se haviam praticado nos últimos sete dias e, em caso afirmativo, com que frequência (número de dias por semana) e por quanto tempo (minutos por dia) aquela atividade foi realizada. A prática de futebol foi especificamente avaliada por meio da pergunta: "Na última semana, você praticou futebol de sete, rua, campo ou futsal?".

As variáveis de exposição selecionadas para este estudo foram cor da pele (branca, preta/parda) e o índice de bens (quintis) aos 15 e aos 22 anos. Para as análises, foram calculadas as prevalências da prática de futebol de acordo com essas duas variáveis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aos 15 anos, 15,3% (n=339) das mulheres praticavam futebol, enquanto aos 22 anos essa proporção diminuiu para 3,5% (n=71). Entre as praticantes aos 15 anos, 55,7% eram pretas ou pardas e 44,3% eram brancas. Quanto ao índice de bens, a distribuição das praticantes foi de 25,7% no primeiro quintil (mais pobre), 26,3% no segundo, 17,5% no terceiro, 15,4% no quarto e 15,1% no quinto quintil (mais rico) (Figura 1).

Em termos de distribuição sociodemográfica aos 22 anos, entre as praticantes, 40,9% eram pretas ou pardas e 59,1% brancas. A distribuição em relação ao índice de bens foi de 23,9% no primeiro quintil (mais pobre), 21,1% no segundo, 18,3% no terceiro, 12,7% no quarto e 23,9% no quinto quintil (mais rico). Observou-se a mesma proporção de praticantes nos quintis mais pobre e mais rico (23,9%). Ou seja, na transição da adolescência para idade adulta, a prática

de futebol diminuiu entre as mulheres pretas ou pardas e entre os quatro quintis de riqueza inferior. Por outro lado, a prática da modalidade aumentou entre mulheres brancas e pertencentes ao maior quintil de riqueza.

Ainda, verificou-se que apenas 9,3% das adolescentes que praticavam futebol aos 15 anos mantiveram essa prática aos 22 anos.

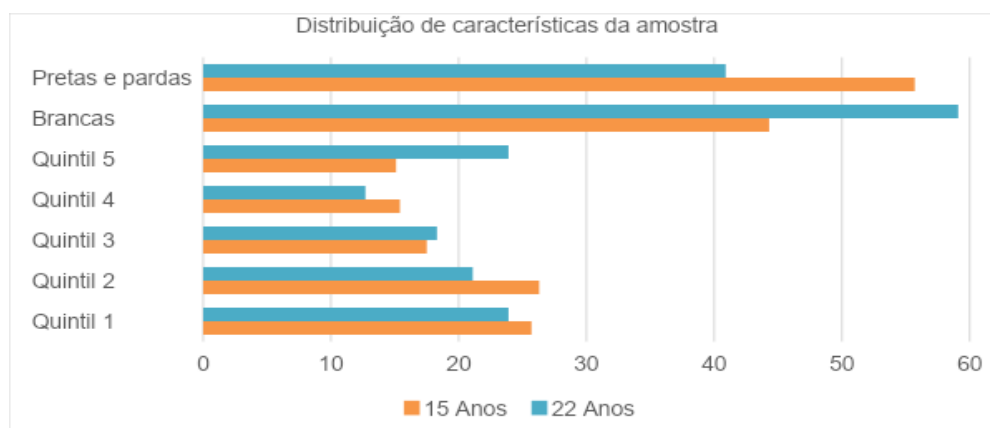


Figura 1 - Características demográficas e socioeconômicas das mulheres pertencentes à Coorte de Nascimentos de 1993 de Pelotas que praticavam futebol aos 15 e aos 22 anos.

Estes resultados podem estar relacionados às demandas da sociedade que variam de acordo com gênero, raça/etnia e nível socioeconômico. Conforme Martins, Silva e Vasquez (2021), a classe social e a raça influenciam de maneiras distintas a adesão ao futebol feminino em comparação a outros esportes. Mulheres brancas e de nível socioeconômico maior tendem a aderir mais aos esportes em geral, devido ao fácil acesso a diversas modalidades. No entanto, quando se trata especificamente da prática de futebol, são as mulheres negras e de nível socioeconômico mais baixo que apresentam maior adesão, em parte pelo baixo custo associado à prática do esporte.

A baixa continuidade na prática do futebol por mulheres pode estar relacionada ao racismo estrutural e à desigualdade de gênero. De acordo com Collins e Bilge (2021), as relações de poder, manifestadas através de raça/cor, gênero e nível socioeconômico influenciam e estruturam o futebol de maneira profunda.

No Brasil, muitas mulheres abrem mão do lazer para se dedicar ao trabalho, apesar da persistente disparidade salarial entre os gêneros. Além disso, as mulheres assumem a maior parte das tarefas domésticas e do cuidado familiar, atividades que não são remuneradas nem valorizadas, mas que são culturalmente impostas como uma "obrigação feminina". Essa sobrecarga pode também contribuir para a redução do tempo disponível para a prática de atividades físicas de lazer.

A situação é ainda mais crítica para as mulheres negras, que têm menos tempo livre devido ao acúmulo de responsabilidades. A falta de recursos financeiros limita ainda mais o acesso a atividades de lazer de qualidade. As mulheres negras, em média, ganham 44,4% do que os homens brancos e 58,6% a menos que as mulheres brancas. Isso se deve, em grande parte, ao menor nível de escolaridade e à desigualdade racial, que dificultam o acesso a cargos de maior prestígio e melhores salários, agravando-se pela jornada de trabalho excessiva (BONALUME *et al*, 2023). Desta maneira, destacando como essas

desigualdades podem impactar no futebol feminino brasileiro, além de impactar o lazer, na vida profissional e também refletir na saúde das mulheres.

4. CONCLUSÕES

Observou-se uma redução na prática de futebol da adolescência para a vida adulta. No entanto, houve uma mudança no perfil das praticantes, com aumento da prevalência entre mulheres brancas e pertencentes ao quintil mais rico na fase adulta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A. M. C.; LOMBARDI, M. R. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 149, p. 452-477, maio/ago. 2013.
- BONALUME, C. R.; TAVARES, M. L.; ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. Mulheres, trabalho e lazer no Brasil: entre tempos, gostos, desejos e a fruição de um direito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 31(2): e83799.
- COLLINS, P.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GOMES, L. C.; JÚNIOR, W. M. Os primórdios do futebol feminino no Brasil: uma agenda das causas feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 32(2): e98930..
- GONÇALVES, H.; WEHRMEISTER, F. C.; ASSUNÇÃO, M. C. F.; OLIVEIRA, I. O.; BARROS, F. C.; VICTORA, C. G.; HALLAL, P. C.; MENEZES, A. M. B. Cohort Profile update: The 1993 Pelotas (Brazil) Birth Cohort follow-up visits in adolescence. **International Journal of Epidemiology**, v. 43, n. 4, 2014.
- GONÇALVES, H.; WEHRMEISTER, F. C.; ASSUNÇÃO, M. C. F.; RODRIGUES, L. T.; OLIVEIRA, I. O.; MURRAY, J.; ANSELM, L.; BARROS, F. C.; VICTORA, C. G.; MENEZES, A. M. B. Cohort Profile Update: The 1993 Pelotas (Brazil) Birth Cohort follow-up at 22 years. **International Journal of Epidemiology**, v. 47, n. 5, 2018.
- HOLLANDA, B. A invenção do torcedor de futebol: imprensa esportiva, profissionalismo e a formação das torcidas organizadas no Rio de Janeiro (1936-1968). **História (São Paulo)**, v. 42, e2023026, 2023.
- MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, 2021.
- RIBEIRO, R. R. Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957). **Tempo**, Niterói, v. 29, n. 2, maio/ago. 2023.
- RIGO, L. C.; GUIDOTTI, F. G.; THEIL, L. Z.; AMARAL, M. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, maio 2008.
- SILVA, J. C. C.; Y, A. M. O desporto inadequado à natureza feminina: prelúdios do futebol feminino no Paraná (1934–1951). **Movimento**, v. 28, e28007, 2022.
- WOODL, David. The history of football and literature in Brazil (1908-1938). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 744-764, set./dez. 2019.